

# A PROPÓSITO DO CENTENÁRIO DE CARL ROGERS<sup>1</sup>

## CARL ROGERS CENTENNIAL CONFERENCE<sup>2</sup>

TRADUÇÃO DE ANA CUNHA RIBEIRO



Barbara T. Brodley

**Resumo:** Numa breve apresentação, no âmbito da conferência de celebração do centenário do nascimento de C. Rogers, a autora procura reflectir sobre a evolução das escolas de psicoterapia directivas, na medida em que algumas delas, apesar de continuarem a afirmar-se como seguidoras das ideias de Rogers, abandonaram a não-directividade como pilar da psicoterapia.

A autora defende a legitimidade de todas as escolas, mas revela-se contra a apropriação abusiva da denominação de “centrado no cliente”, em escolas cuja abordagem se tornou directiva.

**Palavras-Chave:** Não-Directividade, Directividade, Focusing, Experiencial.

**Abstract:** On a brief presentation, included on the celebration of the 100th birthday of Carl Rogers, the author attempts to make a reflection on the evolution of the directive psychotherapy approaches. Namely as far as some of those, regardless of their assumption that they follow Carl Roger’s approach, have abandoned non-directivity as an axiom in psychotherapy. The author defends the legitimacy of every school, however stands against the abusive appropriation of the «client centred» designation by schools that have turned to a directive approach.

**Key-Words:** Non Directivity, Directivity, Focusing, Experiential.

---

1 Apresentação realizada no Colóquio acerca da Psicoterapia e do *Counselling*, a propósito do centenário do nascimento de C. Rogers, a 25 de Julho de 2002.

2 Five-Minute Invited Presentation - Colloquium on Psychotherapy and Counselling July 25, 2002.

Existe uma diferença fundamental entre as escolas de terapia directivas e não-directivas, no seio da comunidade centrada na pessoa. Alguns de nós praticam uma terapia semelhante à psicoterapia não-directiva e centrada no cliente preconizada por Carl Rogers (Rogers, 1959), colocando o ênfase numa atitude não-directiva (Raskin, 1947). A Terapia Centrada no Cliente não-directiva caracteriza-se por um conjunto de atitudes particulares do terapeuta face ao cliente. Acreditamos que o conjunto destas atitudes favorece o estabelecimento de uma relação cuja qualidade é distinta de quaisquer terapias de carácter sistematicamente directivo, o que reverte em benefícios únicos para o cliente.

Todas as restantes escolas de terapia na comunidade centrada na pessoa, ao adoptarem teorias e procedimentos directivos, abandonaram a atitude de não-directividade. Contam-se entre as mais proeminentes: a Terapia Experiencial de *Focusing* (Gendlin, 1996), a Terapia Experiencial Eclética (Lietaer, 1998), a Terapia Directiva de Processo (Elliott & Greenberg, 2002) e a “Terapia Directiva de Micro-Processamento” (Sachse, 1990).

Os terapeutas centrados no cliente não-directivos compreendem que os terapeutas directivos no seio da comunidade centrada na pessoa têm feito aquilo que Rogers sempre apoiou. Cada um deles segue a sua forma particular no desenvolvimento de terapias eficazes. Nenhum defensor da não-directividade pretende inibir o desenvolvimento de abordagens directivas.

Discordamos das alterações que são feitas à teoria rogeriana bem como das suas atitudes directivas. Porém, não nos antagonizamos com a sua existência nem mesmo com os seus sucessos. O nosso objectivo tem sido o de clarificar, preservar e desenvolver uma terapia centrada no cliente não-directiva, apresentando-a como uma opção quer a clientes, quer a estudantes. Contudo, tem havido algum conflito e há razões que o justificam.

Em primeiro lugar, alguns terapeutas directivos fazem afirmações que descaracterizam a terapia centrada no cliente, ao proporem uma definição daquilo que é ser-se “centrado na pessoa” à luz das suas próprias teorias. Os defensores das terapias experienciais, em particular, têm reivindicado: a necessidade de um processo de *focusing* experiencial para a mudança terapêutica (Friedman, 1982); que essa é a essência da terapia centrada no cliente (Gendlin, 1974); que a terapia experiencial orientada pelo *focusing* é terapia centrada no cliente (Gendlin, 1996), ou que a terapia centrada no cliente se tornou experiencial (Lietaer, 1998).

Estas reivindicações são falsas. Representam a visão de apenas alguns terapeutas no seio da comunidade

There is a fundamental difference between directive and non-directive schools of therapy in the person-centered community. Some of us practice a therapy that is similar to Rogers’ non-directive client-centered psychotherapy (Rogers, 1959), and emphasize the non-directive attitude (Raskin, 1947). Non-directive client-centered involves the therapist in having unique intentions when relating to clients. We think these intentions create a different quality of relationship than *any* therapy with systematic directive procedures. We also think that it offers distinctive benefits to clients.

All other schools of therapy in the person-centered community have abandoned the non-directive attitude by adopting *directive theories* and *directive procedures*. The most prominent of these directive schools are “experiential-focusing therapy” (Gendlin, 1996), “experiential-eclectic therapy” (Lietaer, 1998), “process-directive therapy” (Elliott & Greenberg, 2002), and “micro-processing-directive therapy” (Sachse, 1990).

Non-directive client-centered therapists understand that directive therapists in the person-centered community have been doing what Rogers always supported. They are following their own ways to develop effective therapies. No non-directive proponents have a desire to inhibit the development of directive approaches. We disagree with the changes they make in Rogers’ theory and with their directive practices, but we are not antagonistic to their existence or their successes. Our goal has been to clarify, preserve and develop non-directive client-centered therapy as an option for clients and for students. But, there has been some conflict, and there are reasons for it.

First. Some directive therapists make claims that dismiss non-directive client-centered therapy by defining “client-centered” in terms of their own theories. In particular, experiential therapy proponents have made the claim that focused experiential process is necessary for therapeutic change (Friedman, 1982); that it is the *essence* of client-centered therapy (Gendlin, 1974), that experiential focusing-oriented therapy *is* client-centered therapy (Gendlin, 1996) or that client-centered therapy has become an experiential therapy (Lietaer, 1998).

These claims are not true. They represent the views of some therapists within the person-centered community. Many non-directive client-centered therapists do not agree with any of these claims (e.g. Bozarth, 1996; Brodley, 1997; Moon, 2002; Schmid, 2002). These kinds of claims have been the reason

centrada na pessoa. Muitos terapeutas centrados no cliente não-directivos não concordam com elas. De entre eles podem destacar-se: Bozarth, 1996; Brodley, 1997; Moon, 2002 & Schmid, 2002. Este tipo de afirmações tem estado na base de acusações de pirataria. (Shlien, comunicação pessoal)

Em segundo lugar, alguns terapeutas directivos caracterizam a teoria e a prática da terapia centrada no cliente não-directiva como sendo antiquada e como estando ultrapassada. Proclamam que a terapia rogeriana após a década de 1940 não é uma terapia não-directiva (Lietaer, 1998) e depreciam a abordagem não-directiva, apelidando-a de limitada e constrangedora e apontando-a como causadora de danos à reputação e ao estatuto de toda a comunidade de terapeutas centrados na pessoa (Cain, 1993).

Em terceiro lugar, alguns terapeutas descrevem uma entidade imaginária, ao criticarem características de uma terapia não directiva que eles próprios criaram. Tal é o caso de Kahn (1999). De facto, as críticas que surgem no seio da comunidade centrada na pessoa, onde esperamos encontrar compreensão, não podem ser representativas desta abordagem. Ainda não ouvi ou li uma crítica vinda de um terapeuta centrado no cliente não-directivo que a represente de forma exacta.

Concluindo, aquilo que pode parecer um antagonismo por parte dos defensores da atitude não-directiva é, na realidade, fruto da objecção e da resistência a falsas afirmações. Não obstante, existe a possibilidade de um discurso construtivo. Os terapeutas que defendem as abordagens directivas devem fazer três coisas: devem deixar de propôr as suas teorias como representantes da Terapia Centrada no Cliente; devem deixar de depreciar a Terapia Centrada no Cliente Não-Directiva; e, finalmente, devem documentar-se acerca desta terapia antes de lhe dirigirem as suas críticas.

behind a piracy accusation (Shlien, personal communication).

Second. Some directive therapists dismiss the theory and practice of non-directive client-centered as old and past. They claim that Rogers' therapy after the 1940s was not a non-directive therapy (Lietaer, 1998) They disparage the non-directive approach, viewing it as limited and constricted, and claim that non-directive client-centered damages the reputation and status of the whole person-centered therapy community (Cain, 1993).

Third. Some therapists describe a *straw man*; they criticize features of a non-directive therapy that they have invented (e.g., Kahn, 1999). In fact, critics within the person-centered therapy community, where we expect understanding, universally misrepresent the approach. I have not yet heard or read a criticism of non-directive client-centered that accurately represents it.

In conclusion, what may appear to be antagonism from proponents of the non-directive position is actually *objection and resistance* to false claims.

Nevertheless, there is the possibility of constructive discourse. Proponents of directive approaches need to do three things. (1) Stop representing their own theories of therapy as **THE** client-centered therapy. (2) Stop deprecating non-directive client-centered therapy. (3) Learn something about what it actually is before they make criticisms.

## Referências Bibliográficas

### References

- Bozarth, J. (1998). *Person-centered therapy: A revolutionary paradigm*. Ross-on-Wye: PCCS Books.
- Brodley, B. T. (1997). The nondirective attitude in client-centered therapy. *The Person-Centered Journal*, 4 (1), 18-30.
- Cain, D. J. (1993). The uncertain future of client-centered counseling. *Journal of Humanistic Education and Development*, 31, 133-139.
- Elliott, R. & Greenberg, L. S. (2002). Process-experiential psychotherapy. In D. J. Cain & J. Seeman (Eds.) *Humanistic psychotherapies: Handbook of research and practice* (pp. 279-306). Washington, D.C.: American Psychological Association.
- Friedman, N. (1982). *Experiential therapy and focusing*. New York: Half Court Press.
- Gendlin, E. T. (1974). Client-centered and experiential psychotherapy. In D. A. Wexler & L. N. (Rice (Eds.) *Innovations in client-centered therapy* (pp. 211-246). New York: John Wiley & Sons.
- Gendlin, E. T. (1996). *Focusing-oriented psychotherapy*. New York: The Guilford Press.
- Kahn, E. (1999). A critique of nondirectivity in the person-centered approach. *Journal of Humanistic Psychology*, 39 (4), 94-110.
- Lietaer, G. (1998). From non-directive to experiential: A paradigm unfolding. In B. Thorne & E. Lambers (Eds.) *Person-centered therapy: A European perspective* (pp. 62-73). London: Sage Publications.
- Moon, K. (2002). Nondirective client-centered work with children. In J. C. Watson, R. N. Goldman, & M. S. Warner (Eds.) *Client-centered and experiential psychotherapy in the 21<sup>st</sup> century: Advances in theory, research and practice* (pp. 485-492). Ross-on-Wye: PCCS Books.
- Raskin, N. (1947). The nondirective attitude. Unpublished manuscript.
- Rogers, C. R. (1959). A theory of therapy, personality and interpersonal relationships as developed in the client-centered framework. In S. Koch (Ed.), *A study of a science* Vol 3. Formulations of the person and the social context (pp. 184-256). New York: Mc Graw Hill.
- Sachse, R. (1990). Concrete interventions are crucial: The influence of the therapist's processing proposals on the client's intrapersonal exploration in client-centered therapy. In G. Lietaer, J. Rombauts, & R. Van Balen (Eds.), *Client-centered and experiential psychotherapy in the nineties* (pp. 295-308). Leuven: Leuven University Press.
- Schmid, P. F. (2002 July). The characteristics of a person-centered approach to therapy & counseling: Criteria for identity and coherence. Presentation given at the Carl R. Rogers Centennial Celebration, La Jolla, CA